



## O DESTINO DAS IMAGENS E MEMÓRIAS HISTÓRICAS: BATALHAS E GUERRAS SEMIÓTICAS NA CENA DOS MONUMENTOS<sup>1</sup>

Alexandre Fernandes Correa\*

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

[alexforrea@gmail.com](mailto:alexforrea@gmail.com)

**RESUMO:** Nesse ensaio apresentamos pesquisa sobre a gestão das imagens e das memórias políticas no espaço sócio-histórico contemporâneo. Destaca-se no estudo da política da imagem nos campos empíricos, suas características semiológicas sobressalentes. Trata-se de um estudo sobre a colonização do imaginário sociopolítico, através de imagens históricas encenadas em equipamentos culturais, monumentos e espaços sociais urbanos. Analisamos aspectos da montagem do quadro imagético nacional pontuando momentos destacados num largo ciclo de comemorações históricas ativadas desde a Independência em 1822. Nesse trabalho, articulamos os conceitos de *máquina de guerra semiótica*, *batalha das imagens* e *guerra das imagens* sobre a memória política na atualidade. Nesse trajeto operamos a noção de *memórias enxertadas* na compreensão da lógica das ressurgências imagéticas no espaço sociopolítico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Monumentos Históricos, Imagens, Memórias Políticas, Bicentenário.

## THE DESTINATION OF HISTORICAL IMAGES AND MEMORIES: BATTLES AND SEMIOTIC WARS IN MONUMENTS SCENE

**ABSTRACT:** In this essay is presented a research on the management of political images and memories in the contemporary socio-historical space. It stands out in a study of image politics in the empirical fields and its outstanding semiological characteristics. It's an investigation about the colonization of the socio-political imaginary, through historical images staged in cultural institutions, monuments and urban social spaces. It's analyzed some aspects of the national imaginary framework, punctuating moments highlighted in a long cycle of historical celebrations since Independence in 1822. We seek to articulate the concepts of 'semiotic war machine', 'battle of images' and 'war of images' in the studies on political

---

<sup>1</sup> Versões desse texto foram apresentadas na 6ª Reunião Equatorial de Antropologia – Salvador. MR 14 (CORREA, 2019), XI Seminário Internacional de Políticas Culturais (CORREA, 2020a) e na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia. GT 15 (CORREA, 2020b).

\* Membro da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS). Doutorado em Ciências Sociais PUC/SP. Pós-Doc I em Antropologia UFRJ. Pós-Doc II em Antropologia UERJ. Professor Associado do Campus UFRJ Campus Macaé. Pós-Doc III em Memória Social UNIRIO.

memory today. Along this path, through the notion of ‘grafted memories’ into the understanding of the logic of imagery resurgences in the current political space.

**KEYWORDS:** Historical Monuments, Images, Political Memories, Bicentenary.

Este ensaio reúne reflexões elaboradas em pesquisa que vem sendo desenvolvida desde o início dos anos de 1990, quando realizamos investigações sobre as comemorações históricas na sociedade moderna.<sup>2</sup> Entretanto, como não pretendemos nos alongar na apresentação desse vasto panorama - estendendo-se em reflexões que invocam pesquisas sobre o longo ciclo de celebrações históricas -, traçaremos aqui um roteiro mais circunscrito.

O pano de fundo dessa análise considera as celebrações cívicas e histórico-políticas desencadeadas a partir das comemorações midiáticas espetaculares do Bicentenário de Independência dos Estados Unidos (1976). Incorporam-se, nesse longo ciclo, outras celebrações nas sociedades atlânticas, como a *Queda da Bastilha* na Revolução Francesa (1989), culminando com as comemorações da ‘*Descoberta*’ da América (1992).<sup>3</sup> Agrega-se ainda a esse conjunto histórico o ciclo das celebrações dos bicentenários da independência dos países da América Latina. Esse processo de autonomização político-administrativa foi incrementado pelo impacto da independência dos Estados Unidos, em 1776, e da Revolução Francesa de 1789.<sup>4</sup>

Nossa atenção particular, a sustentar a presente explanação, recai sobre as implicações dos usos de imagens na produção de significados no campo da memória

---

<sup>2</sup> Pesquisamos, entre outros temas, a expulsão dos holandeses na Guerra dos Guararapes em Pernambuco (1640), o IV Centenário de São Luís/MA em 2012, o bicentenário de Macaé/RJ (2013) e o bicentenário de Nova Friburgo/RJ (2016). Dessas investigações publicamos livros, ensaios e artigos em diferentes periódicos, destacados na bibliografia.

<sup>3</sup> Existem diversas contestações sobre o uso do termo ‘descoberta’ por ocasião da chegada de Cristóvão Colombo em 1492, que morreu em 1506 acreditando ter atracado na Índia. Para os povos indígenas autóctones a data marca o início da ‘invasão’ de suas terras originais, pelos povos europeus. No ano de 1992, em particular, apresentamos trabalho inaugural no Congresso V Solar realizado na Universidade de São Paulo, no qual introduzimos reflexões experimentais para as comemorações espetaculares do “Achamento” ou “Descoberta” do Brasil, 2000. No evento citado apresentamos o texto **A Imagem Barroca de uma Civilização Latino-americana** (CORREA, 1992).

<sup>4</sup> Há controvérsias historiográficas recentes em relação a influência do pensamento francês e da Revolução de 1789 nos levantes independentistas das colônias americanas contra o absolutismo espanhol. A conhecida tese de que a independência do México, por exemplo, foi inspirada nas ideias do Iluminismo e da Revolução Francesa sobreviveu por muitas décadas. No entanto, o exame das evidências recolhidas em estudos recentes desacredita essa genealogia intelectual. Sobre esse tema, ver texto de Alfredo Ávila (2019): <https://www.lettraslibres.com/mexico/revista/la-ilustracion-en-la-independencia-una-tradicion-inventada> Acesso: 04 Nov 2019.

política<sup>5</sup>. Invoca-se a expressão “usos de imagens” no sentido da problematização apresentada por José de Souza Martins, quando provoca os cientistas sociais a refletirem para os alcances da imagem para além do uso documental e ilustrativo; devendo-se vasculhar e perscrutar mais além: “Sociólogos e antropólogos precisam de muito mais do que uma foto para compreender o que uma foto contém” (MARTINS, 2008, p. 174).

Partimos dessa provocação para compreender a natureza das deficiências no trabalho de análise da produção não só de conteúdos e imagens, mas também de nossas relações práticas com as novas linguagens e tecnologias. Procurando atingir uma contextualização mais abrangente, para compreensão dos fenômenos aqui reunidos, seguiremos no exame das formas de construção de um percurso de análise semiológico da produção imagética, considerando seus usos políticos e culturais.

Com esse intuito apresentamos o conceito de imagem utilizado, apoiado nos trabalhos de Serge Gruzinsky (1995). Esse conceito foi elaborado a partir de pesquisas do historiador francês sobre a história do México. Após a apresentação do conceito, regula-se o foco de análise em casos específicos, tecendo considerações mais precisas sobre a ordem de problemas estudados.

## SOCIEDADE DAS IMAGENS

Gruzinsky abre seu livro sobre a *Guerra das Imagens* (1995) fazendo referência ao filme *Blade Runner: caçador de androides*, dirigido por Ridley Scott e lançado em circuito comercial em 1982. Os androides do filme são réplicas quase perfeitas de humanos, com curto tempo de vida, criadas para executar tarefas perigosas em astros e ambientes distantes do espaço sideral. Esses replicantes se distinguem do ser humano por características genéticas que são implantadas, porém alguns deles estão dotados de uma “memória enxertada”. Essa “memória” se apoia em velhas fotografias, falsas lembranças destinadas a inventar e sustentar um passado que jamais existiu.

Gruzinski é um historiador especializado em temas latino-americanos, ligado à história das mentalidades. Realizou estudos sobre a imagem mestiça e seu ingresso na modernidade do México. Nos últimos anos realizou investigações sobre o Brasil e o Império português. Este autor considera que *guerra das imagens* talvez seja um dos

---

<sup>5</sup> Sobre a constituição de um campo autônomo da memória política, indicamos as reflexões de Javier Lifschitz no texto **Os agenciamentos da memória política na América Latina** (LIFSCHITZ, 2014).

maiores acontecimentos da atualidade moderna inaugurada com a *Conquista da América*. Uma guerra difícil de precisar seu início, pois abarca as lutas pelo poder, temas sociais e culturais, “cuja amplitude atual e futura somos incapazes de medir” (1995, p. 12).

Nesse trabalho recuperaremos algumas definições e conceituações que o autor oferece. Gruzinsky ressalta:

Com o mesmo direito que a palavra e a escrita, a imagem pode ser veículo de todos os poderes e de todas as vivências. (...) O pensamento que desenvolve oferece uma matéria específica, tão densa quanto a escritura ainda que seja irredutível a ela; o que não facilita em nada a tarefa do historiador obrigado a escrever sobre o indizível (1995, p. 13).

Desse modo, a análise não seguirá as linhas ortodoxas do pensamento figurativo, nem dos estudos sobre os conteúdos das imagens. O que vamos realizar brevemente é um exame dos programas e das políticas das imagens, e o desenvolvimento das intervenções múltiplas que estão entranhadas nelas ou que antecipam os papéis que assumem numa dada sociedade. Portanto, não se trata de definir abstratamente *imagem*. Mas, como adianta Gruzinsky, é preciso que se tenha em conta a história dos imaginários, sua globalidade e sua mobilidade. Destarte, não vamos fazer uma descrição sistemática das imagens apresentadas, privilegiando forma ou conteúdo, pois não se quer perder de vista uma realidade imagética que só existe na sua interação.<sup>6</sup>

De acordo com esses propósitos o que nos interessa é a montagem política das imagens e como se alimenta a fascinação que exercem. São os cenários de festas e celebrações cívicas que oferecem inesgotáveis exemplos cenográficos, em consagrações e altares, grandes rituais, procissões, desfiles, - quando invadem o campo visual, pontuando o espaço urbano -, despejando por avenidas e ruas, com decorações gigantescas, decorações, dispendo de estrados, plataformas, arcos de triunfo, etc. Todo esse complexo de festivais ganha mais esplendor e encantamento quando se aproxima a efervescência dos períodos eleitorais. É quando se repete o lexema, e bordão midiático,

---

<sup>6</sup> Em muitos aspectos encontramos paralelo na obra de Jacques Rancière **O Destino das Imagens**, quando aborda o tema da *montagem dialética*, *montagem simbólica*: “a maneira simbolista relaciona heterogêneos e constrói pequenas máquinas por meio da montagem de elementos sem relação uns com os outros” (2017, p. 66-7).

no que atualmente se convencionou designar “a festa da democracia” no Brasil. Como se sabe, esse termo aparece com frequência nas coberturas jornalísticas efetuadas durante período eleitoral, quando são realizados diversos programas televisivos consagrando o sufrágio universal e direto no país.

Assim, concordando com as análises de Gruzinsky sobre a realidade mexicana, também consideramos que a forma de fabricação e de encenação da imagem em nossa sociedade segue o modelo Barroco, - no festim de profusão de liturgias - numa continuidade que alastra essa guerra das imagens por mais de cinco séculos, e que no Brasil se inicia com o *Triunfo Eucarístico* de 1733. Não se trata de fazermos um inventário desse longo transcorrer de lutas pictóricas, ou iconográficas, mas de enfatizar sua ‘função unificadora’: “a imagem barroca se dirige a todos” (GRUZINSKY, 2006, p. 219).

Em países como o Brasil no qual se encontram populações de diversas origens e entre as quais a alfabetização foi precária e reduzida, o brilho e fascinação da imagem adquire grande importância sociológica. E a fetichização da imagem barroca que se processa nesse contexto opera de duas maneiras: a) na ocultação da produção que gera a riqueza econômica para poucos [exploração do trabalho]; b) ocultamento da origem humana da imagem [adquirindo caráter quase sagrado].

Como consequência direta temos a montagem de um programa iconográfico que se instaura produzindo efeitos políticos evidentes. Sua eficácia simbólica e imagética é de extraordinário alcance, como observamos no decorrer do século XX após a *II Guerra mundial* com o advento da fotografia, do cinema e da televisão. A imagem política estetizada adquire função retórica retumbante, como veremos aqui em diferentes exemplos. A imagem codifica o sentido e a mensagem, cabe ao semiólogo decifrar esses códigos, sob pena de continuar submetido ao seu feitiço, mistificação e eficácia.

Assim, reafirma-se que não faremos uso de um conceito abstrato de imagem, mas consideramos a evolução de nossa relação política com a imagem, especialmente a imagem sobre a nação.<sup>7</sup> Interessa-nos então os usos pessoais e sociais da representação

---

<sup>7</sup> Nessa perspectiva seguimos as reflexões teóricas de Eric Wolf (2003), acerca do conceito de nação considerando especialmente seu texto clássico sobre a **A Virgem de Guadalupe**: um símbolo nacional mexicano.

nacional e patriótica que foram e ainda são operados por dispositivos de controle subjacentes e em larga medida ainda inconscientes.

Nosso trabalho, a partir dos exemplos empíricos que utilizamos na análise, é compreender as articulações múltiplas do imaginário social, dando especial atenção para o princípio de culto das imagens: promoção de um caráter sagrado da imagem, particularmente quando ela avança sobre o espaço social da política. Como explicitou José Murilo de Carvalho:

A elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político. É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro (CARVALHO, 1990, p. 10).

Questão de fundo: como analisar o sentido da mudança ou manutenção do uso imposto pela imagem política na atualidade? Percebemos dois polos contrastantes em conflito. De um lado, a) as ressurgências das imagens do passado autoritário e ditatorial; de outro, b) os ataques recorrentes aos monumentos, imagens e estátuas, dos vultos da memória política oficial. De que maneira um conceito não abstrato de *guerra das imagens*, como instância específica da *máquina de guerra semiótica*<sup>8</sup> (LIFSCHITZ, 2019a, 2019c), pode servir para explicar, ou compreender, as eficácias e falências das memórias enxertadas no campo da memória política? Este é o núcleo de nossa inquietação.

Vê-se no caso da Ditadura Civil-Militar no Brasil entre os anos de 1964-89, por exemplo, que o triunfo da imagética política se articulava ao um esforço controlado do uso da coerção e da repressão. Desde a conquista do tricampeonato na Copa do Mundo de futebol, 1970, as autoridades se dedicaram basicamente em explorar de todas as maneiras possíveis o culto das imagens da vitória, em pleno recrudescimento do regime autoritário, período em que se forjou a expressão: “Pátria de chuteiras!”. Soma-se a isso

---

<sup>8</sup> “Segundo Deleuze, o regime da máquina de guerra é antes de tudo um regime de emoções, porque o afeto é sempre resistente, enquanto a emoção é descarga rápida de sentimentos. ‘As emoções são projéteis, tanto quanto as armas’ (DELEUZE & GUATTARI, 2012). E a mídia monopólica operou no Brasil nesse plano, criando a incerteza em longa escala utilizando-se, como apontou Horacio Gonzalez com relação ao seu papel no contexto político de Macri na Argentina, de “técnicas de emissão, disciplinamento e controle de excitabilidade populacional” (LIFSCHITZ, 2019, p. 8).

o culto ao tal “Milagre econômico” de um país que crescia a altas taxas do PIB ao ano.<sup>9</sup> Tudo culmina nas comemorações do *Sesquicentenário da Independência* realizada com pompa triunfal; quando observamos a imagem do ditador General Ernesto Geisel ser enquadrada ao lado do Imperador D. Pedro I em moeda e outros diversos suportes iconográficos. Nesse ano de 1972 também ocorreu um evento simbólico de grande alcance imaginário: o traslado dos restos mortais do Imperador de Portugal para o Brasil.

## A MAQUINARIA DO ESPETÁCULO

Clifford Geertz nos seus estudos sobre o Estado-Teatro em Bali, escreveu: “O Estado ia buscar a sua força, que era deveras real, às suas energias imaginativas, à sua capacidade semiótica de fazer com que a desigualdade encantasse” (GEERTZ, 1991, p. 156). Com a mesma eficiência técnica e operando com os requintes da magia imagética moderna, os governos militares implantaram um programa articulado com os mesmos objetivos de ocultamento e fascinação. Através desse programa político, ocultavam a exploração do trabalho e exaltavam com efeitos tecnológicos e *design* moderno da produção das imagens<sup>10</sup>, seus feitos políticos e econômicos celebrados em liturgias conectadas aos temas históricos da nação.

Nada pode ser mais adequado para ilustrar esse raciocínio sociológico do que uma mirada no processo civilizatório brasileiro desde os tempos coloniais, com a já citada procissão do *Triunfo Eucarístico* no século XVIII, passando pelo período monárquico, do Estado Novo até a Ditadura Civil-Militar de 1964-85. A maquinaria do espetáculo como estratégia de persuasão e encantamento foi utilizada de modo sistemático e é a marca de nossa sociedade neobarroca.

Nessa reflexão sintética não podemos analisar a totalidade desse sistema semiológico tomando o vasto panorama histórico-cultural referido, mas podemos pontuar momentos destacados. A partir da observação da profusão de imagens e linguagens em destaque no processo de análise do trabalho semiótico, observamos recorrências significativas. É quando trazemos à reflexão a provocação de Roland

---

<sup>9</sup> O PIB brasileiro, a partir de 1968, num período de cinco anos, conhecido como “milagre econômico”, o país cresceu a taxas elevadas e sem precedentes. Em 1973, no auge do “milagre”, cresceu 14%.

<sup>10</sup> Nesse particular, tem grande destaque a atuação de Aloísio Magalhães (1927- 1982) como designer gráfico brasileiro no período da ditadura civil-militar no Brasil (LAVINAS, 2014).

Barthes na sua *Aula* de 1978: “a língua, como desempenho de toda linguagem, não é reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer” (BARTHES, 1978, p. 14). Obrigar a dizer, obrigar a ver, obrigar a falar... Entretanto, como nos lembra Lifschitz, é possível lançar mão de uma perspectiva analítica para abrir fendas no muro da linguagem. Na perspectiva psicanalítica lacaniana:

a ordem simbólica nunca se totaliza, está sempre habitada por uma brecha da linguagem e esse elemento desestabilizador incide na própria teoria. Sempre há uma tensão entre saber e experiência, que não se resolve, e um antagonismo lógico e constitutivo de toda sociedade (LIFSCHITZ, 2019b, p. 16).

Sob tal perspectiva teórica a tecnologia das imagens não pode ser considerada neutra, pois sua eficácia mágica advém de dispositivos semiológicos produzidos para atuar no espaço social e político. Nos casos aqui analisados, descrevemos polaridades antagônicas que expressam relações e vínculos diferenciados com os programas imagéticos da memória política. É o que observamos nas imagens listadas pelos casos empíricos referidos: a) Independência do Brasil – 7 de setembro; b) Sesquicentenário da Independência, usado pela Ditadura Civil-Militar para criar um ufanismo nacionalista que repercute até hoje no Brasil; c) o caso da propaganda na Ditadura – álbuns, logomarcas, conservadorismo, nacionalismo, patriotismo anti-esquerdista; d) o retorno dos símbolos da ditadura nas manifestações de 2014-16. Vê-se que somos instados a *dizer* de determinado modo, e não de outro, o que representa o país para nós nacionais. E, e) resistências e ataques aos monumentos históricos da memória oficial, nacional, continental e ibero-americana. Quando observamos que “onde há poder, há resistência”<sup>11</sup>, brechas, desestabilizações...

## **A IMAGEM POLÍTICA NA ATUALIDADE**

Como foi adiantado, nos interessa analisar os sentidos da mudança, ou manutenção, dos usos impostos à imagem política na atualidade. A esta preocupação

---

<sup>11</sup> Com esta expressão nos remetemos as análises de Foucault, que com sua “analítica do poder” se aproxima da perspectiva que invocamos com referência a “esquerda lacaniana” (LIFSCHITZ, 2019c). A perspectiva foucaultiana se desenvolve a partir do ano de 1976, com a publicação de “A Vontade de saber” (primeiro volume de sua História da sexualidade) e com o curso “Em defesa da sociedade”, proferido no *Collège de France*.

somamos outra: de que modo se pode inaugurar uma nova fase na construção do imaginário democrático na sociedade brasileira e latino-americana, ainda excessivamente preso ao fascínio das imagens do poder autoritário e despótico?

Eis o desafio de uma semiologia da imagem política que avance o projeto de uma ciência emancipadora. Mas esse trabalho não começa do nada. Temos sinais de que o tecido social opera a sublevação dos significados políticos oficiais das imagens, dos monumentos, dos dispositivos de produção imaginária estatal/nacional oficial. Estruturas de sentido atravessam diversos suportes da ação colonizadora que através dos séculos foram disseminados nas sociedades centrais e periféricas (WALLERSTEIN, 2002). Testemunhamos o surgimento de questionamentos e resistências virulentas a estas estruturas forjadas/implantadas/enxertadas na paisagem urbana, e na arquitetura das cidades brasileiras e ibero-americanas. Esses enfrentamentos imagético-políticos ocorrem de modo recorrente e crescente em diversos países.

Como estamos num momento importante de efervescência do debate sobre as políticas histórico-culturais, não poderíamos deixar de introduzir algumas reflexões sobre a encenação das memórias políticas em monumentos históricos, museus e outros diversos espaços sociais e educacionais onde se operam grandes batalhas da *guerra das imagens* contemporâneas, invocadas nessa reflexão.

Desse conturbado contexto de enfrentamentos políticos sobressai a pergunta: os monumentos históricos são intocáveis? A maioria dos especialistas e cultuadores do passado são ortodoxos e tomam posição canônica em relação a essa questão. Consideram verdadeiro sacrilégio, ou ato de vandalismo, qualquer ‘ataque’ aos símbolos consagrados e entronizados nas paisagens urbanas. Entretanto, não é esse um entendimento geral e unânime. Atualmente encontramos entre estudiosos mais heterodoxos posições dissonantes e divergentes. Observamos uma nova atitude em relação a manutenção de nomes de personagens do passado ditatorial, presentes em prédios públicos, ruas, viadutos, avenidas, estradas, etc. Conforme recomendação da Comissão Nacional da Verdade<sup>12</sup> (CNV), deve haver uma revisão desse processo de

---

<sup>12</sup> As Recomendações da Comissão Nacional da Verdade ao Estado Brasileiro. VI Relatório de Monitoramento. Instituto de Estudos da Religião. ISER / 2015. Recomendação [28] Preservação da memória das graves violações de direitos humanos: “Com a mesma finalidade de preservação da memória, a CNV propõe a revogação de medidas que, durante o período da ditadura militar, objetivaram homenagear autores das graves violações de direitos humanos. Entre outras, devem ser adotadas medidas visando: a) cassar as honrarias que tenham sido concedidas a agentes públicos ou particulares associados a esse quadro de graves violações, como ocorreu com muitos dos agraciados

homenagens; tema que tem merecido destaque em debates recorrentes. Em São Luís do Maranhão observa-se recentemente esse movimento de aplicação das recomendações da CNV (CORREA, 2013).

Faz-se necessário também refletir sobre a ação política e crítica implementada com relação aos monumentos históricos na atualidade, nas relações entre memória histórica, memória política e museus. Com esse intuito, tomamos as mais recentes ações de manifestantes do *Grito dos Excluídos*<sup>13</sup>, particularmente no Monumento às Bandeiras, em São Paulo. Repercutindo essas manifestações na mídia, uma publicação convidou um antropólogo e dois historiadores para responderem algumas perguntas sobre a manifestação ocorrida (NEXO, 2016). Teve a posição mais conservadora do especialista, de um lado, que considerava o ato um vandalismo inaceitável; uma posição mais intermediária, sugerindo intervenções no espaço do entorno do Monumento, promovendo discussões e ressignificações; e, de outro lado, a posição mais heterodoxa do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, do Museu Nacional (UFRJ), que chegou a divulgar no seu perfil do *Twitter*: “barbárie é exatamente o que os 'monumentos' comemoram. Aliás, todas as estátuas equestres que ornamentam nossas cidades deveriam ser pichadas (no mínimo)” (NEXO, 2016). Posição já reiterada em entrevista para outra publicação:

O antropólogo tem mantido, nos últimos anos, intensa atividade política no *Twitter* e no *Facebook*. Seus curtos enunciados são às vezes enigmáticos, com frequência irônicos, quase sempre militantes. Em outubro, quando manifestantes subiram no Monumento às Bandeiras, em São Paulo, e cobriram de tinta as estátuas de Brecheret que celebram a conquista do Oeste pelos paulistas, com consequências trágicas para os índios, ele ofereceu seu veredicto: “É preciso derrubar essa porcaria.” (PIAUI, 2014).

Para demonstrar que esse debate não se circunscreve a nossa realidade e que vem ocorrendo em outros países do nosso continente, e também na Europa, citamos o

---

com a Medalha do Pacificador; b) promover a alteração da denominação de logradouros, vias de transporte, edifícios e instituições públicas de qualquer natureza, sejam federais, estaduais ou municipais, que se refiram a agentes públicos ou a particulares que notoriamente tenham tido comprometimento com a prática de graves violações.”  
<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/Capitulo%2018.pdf>

<sup>13</sup> “O *Grito dos Excluídos* é um conjunto de manifestações populares que ocorrem no Brasil, desde 1995, ao longo da Semana da Pátria, culminando com o Dia da Independência do Brasil, em 7 de setembro. Estas manifestações têm como objetivo de abrir caminhos aos excluídos da sociedade, denunciar os mecanismos sociais de exclusão e propor caminhos alternativos para uma sociedade mais inclusiva”: <https://www.gritodosexcluidos.com/> Acesso: 2 Nov 2020.

caso do ‘ataque’ à estátua do General Franco e das recentes reações às comemorações do 12 de outubro na Espanha, no ano de 2016. Nas imagens produzidas e difundidas pelas diversas mídias encontramos semelhanças que aproximam duas realidades socioculturais diferentes. Os eventos ocorridos no Brasil, desde 2013, assim como os fatos ocorridos recentemente na Espanha, - onde nos últimos anos também tem se dado conturbada movimentação política -, e as mais recentes manifestações na América do Sul, como no Chile, agregam em seu conjunto novos focos na análise acerca do futuro do passado sacralizado e monumentalizado nas nossas sociedades.

O caso espanhol é bastante significativo e de certa forma atinge estruturas históricas ainda mais profundas. Temos a memória da ditadura franquista num polo, e no outro as comemorações oficiais do dia da “Raça”<sup>14</sup>; coincidindo com as comemorações pela “descoberta” da América, em 12 de outubro de 1492. Em outros países da América Latina essa data também é comemorada como o *Dia da Raça*, assim como também se comemora a *Hispanidade* e o *Dia de Colombo*: Peru, Colômbia, Chile, etc. Porém, cada vez mais se questiona politicamente o relato das aventuras de Cristóvão Colombo, que tampouco era espanhol. Existe uma crescente divisão entre os que comemoram o legado do referido explorador europeu (Genovês) e os que o rejeitam por ter dado início ao extermínio e dominação das comunidades indígenas autóctones. Em muitas cidades dos Estados Unidos, Minneapolis e Seattle, por exemplo, esse dia deixou de ser designado *Columbus Day*, tornando-se *Dia dos Indígenas*. Na Argentina, a partir de 2010, o ‘12 de outubro’ deixou de ser reconhecido oficialmente como *Dia da Raça*; passando a ser considerado ‘ofensivo e discriminatório’ o uso dessa expressão. Em decreto assinado pela então presidente Cristina Fernández de Kirchner, se substituiu essa denominação por *Dia da Diversidade Cultural Americana*. Observamos assim diversos pontos de resistência e crítica política aos significados das datas históricas oficiais em todas as Américas.

Os grupos de oposição ao *stablishment*, os movimentos separatistas e independentistas espanhóis, lutam há muitos anos contra o culto da memória do General Franco e do Colonialismo espanhol nas Américas. Investem numa reação política da oposição às comemorações históricas oficiais: num caso, contra o culto do despotismo

---

<sup>14</sup> A comemoração do *Dia da Raça* também se encontra em alguns estados da federação, como no Maranhão.

sanguinário de Franco e, no outro, contra o culto do genocídio dos indígenas nas Américas. Em síntese, as oposições consideram:

O discurso da hispanidade foi muito contaminado pelo franquismo. O 12 de outubro se tornou uma festa "velha", "desatualizada" e "antiga" e não se acredita mais que "levar o Exército para a rua é a melhor maneira de celebrar a irmandade com os países da América Latina". Talvez seja melhor conversar com "os outros países de língua espanhola para encontrar outra maneira de comemorar" e também ter uma maior "aproximação" com as comunidades indígenas. Não aceitamos mais o 'Dia da Raça'. Nessa data, todos os anos, em Barcelona, se reúne o "fascismo mais reacionário". Seria mais apropriado que o feriado nacional coincidissem com algum evento republicano, ou que servisse para homenagear, por exemplo, o líder anarquista Buenaventura Durruti, ou o poeta Marcos Ana, prisioneiro político de Franco. Modernizar a celebração e a festa seria o mais "razoável", transferindo para 6 de dezembro, dia da Constituição, por exemplo... (EUROPA Express, 2016).

Como corolário desse processo de dessacralização das imagens e monumentos da memória oficial colonial nas Américas, registra-se o alcance recente das imagens de ataques e ocupações de monumentos e estátuas nas manifestações chilenas ocorridas no mês de outubro desse ano corrente. Uma imagem em especial ganhou destaque mundial, nos registros de Susana Hidalgo (e de Gabriel Giorgi), quando foi hasteada no topo do monumento central a bandeira do povo autóctone Mapuche. Trata-se da ocupação do monumento histórico existente na Plaza Itália (Blaquedano) em Santiago, ocorrida no dia 25 de outubro de 2019.

Outro grupo de manifestantes chilenos, dessa vez na cidade de La Serena, arrancaram a estátua do conquistador Francisco Aguirre de Menezes presente na Avenida que carrega seu nome, em homenagem histórica oficial.<sup>15</sup> A estátua foi derrubada e no seu lugar foi colocada uma escultura artesanal de Milanka, uma mulher do povo originário indígena Diaguita.<sup>16</sup>

As manifestações chilenas continuaram por vários dias e semanas de outubro, avançando no mês de novembro desse mesmo ano. Na *Plaza de Armas* de Cañete, cidade situada na província de Arauco, na região de Biobío, no Chile - que se encontra a

---

<sup>15</sup> Francisco de Aguirre de Menezes (1508-1581) foi um conquistador espanhol de participação destacada na conquista do Chile (1540).

<sup>16</sup> Manifestantes cambiaron estatua de Francisco de Aguirre por una mujer diaguita en *La Serena* (registro de Tabata Tesser): <https://www.mega.cl/noticias/nacional/280244-la-serena-estatua-francisco-de-aguirre-mujer-diaguita-la-nuez.html>

635 km ao sul de Santiago, capital do país -, foram derrubadas as estátuas dos espanhóis Pedro de Valdivia e de García Hurtado de Mendoza. Várias pessoas atearam fogo no monumento a Bernardo O'Higgins na *Plaza de Armas* de Los Ángeles (Biobío). Na cidade de Valdivia, o busto do General O'Higgins também sofreu ataques, sendo derrubado ao chão pelos manifestantes. A comunidade *mapuche* continuou derrubando os símbolos coloniais em outras cidades do país, no decorrer do período.

Esse processo de manifestações e confrontos nas principais cidades do Chile, culminou com uma ação simbólica de forte impacto. Trata-se da decapitação da cabeça da estátua de Pedro de Valdivia, símbolo da conquista espanhola, considerada genocida, posteriormente pendurada nas mãos da estátua de Caupolicán, líder do povo mapuche no século XVI, quando promoveu uma série de ações de resistência contra os colonizadores. Tal gesto representa a luta dos povos autóctones na guerra das imagens e símbolos entronizados nas paisagens das cidades de diferentes países do continente.<sup>17</sup>

## GRITO DOS/AS EXCLUÍDOS/AS

No âmbito deste ensaio desejamos aprofundar o debate local sobre os usos de fotografias, imagens em movimento, desenhos e grafismos, paisagens sonoras, particularmente nos cartazes produzidos pelo movimento *Grito dos Excluídos* desde 1995. Analisamos o uso de narrativas com recursos imagéticos por esse movimento considerando o impacto das inovações tecnológicas audiovisuais e ao crescimento dos usos da rede mundial de computadores.

Temos como campo empírico de investigação mais específico, para esta apresentação, a organização do *Grito dos Excluídos* que ocorre todo ano no dia 7 de setembro, dia da celebração da Independência do Brasil. Com a proximidade do Bicentenário (2022), analisamos os processos de produção de imagens e outros enunciados discursivos no decorrer dos últimos anos desde o início dessas manifestações em 1995.

---

<sup>17</sup> Chile: destrucción de monumentos como protesta contra la historia oficial. Ya se han dañado más de 70 monumentos y esculturas nacionales en poco más de tres semanas de protestas en Chile. Se trata, especialmente, de figuras de la colonización europea y de militares chilenos. Link: [https://www.dw.com/es/chile-destrucci%C3%B3n-de-monumentos-como-protesta-contra-la-historia-oficial/a-51202577?fbclid=IwAR0MB4opmallkYSzValuJ1hUs-qWRuOfs-mD2DN5C\\_HDwBST7Z31cq3thH8](https://www.dw.com/es/chile-destrucci%C3%B3n-de-monumentos-como-protesta-contra-la-historia-oficial/a-51202577?fbclid=IwAR0MB4opmallkYSzValuJ1hUs-qWRuOfs-mD2DN5C_HDwBST7Z31cq3thH8) Acesso: 12 Nov 2019.

Como adiantou José Murilo de Carvalho: “O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, sem dúvida, mas também (...) por símbolos, alegorias, rituais, mitos.”. Assim, nossa pesquisa segue os rastros dos “sinais mais universais (...) como as imagens, as alegorias, os símbolos, os mitos” para identificar padrões e configurações na “batalha de símbolos, em busca da conquista do imaginário social”, na aproximação do bicentenário da Independência (1990, p. 10).

Na investigação sobre a construção de “programas de imagens” (Gruzinsky, 2006), ou da “manipulação do imaginário social” (CARVALHO, 1990), não podemos nos esquecer que, segundo Baczko:

A aceitação ou rejeição dos símbolos propostos poderá revelar as raízes (...) preexistentes no imaginário popular e a capacidade dos manipuladores de símbolos de refazer esse imaginário de acordo com os novos valores. (CARVALHO, 1990, p. 13)

Esse mecanismo só tem eficácia simbólica e política, portanto, caso a relação de significado entre objetos, imagens ou ideias tenham aquilo que Baczko designou de “comunidade de imaginação”, ou “comunidade de sentido”. Nossa tarefa é tentar explicar e compreender os alcances dessas operações semiológicas na atualidade.

Nossa pesquisa recupera as conclusões que José Murilo de Carvalho ofereceu na obra *A Formação das Almas* (1990), quando escreveu:

A República brasileira, à diferença de seu modelo francês, e também do modelo americano, não possuía suficiente densidade popular para refazer o imaginário nacional. Suas raízes eram escassas, profundas apenas em setores reduzidos da população, nas camadas educadas e urbanas (p. 128).

Transcorridos duzentos anos da Independência, e mais de cento e trinta da proclamação da República, já há “suficiente densidade popular para refazer o imaginário nacional”? O *Grito dos Excluídos* poderia obter alguma eficácia nessa construção? No trabalho de observação e análise das imagens que compõem os cartazes anuais do *Grito dos(as) Excluídos(as)* desde 1995, encontramos algumas recorrências e regularidades, que podem ser colocados em grupos e subgrupos de imagens. Identificamos os seguintes: País/Pátria (Estado-Nação) – 50%; População<sup>18</sup> – 33%;

---

<sup>18</sup> O anonimato é a marca das figuras humanas que aparecem nos cartazes. Contudo, no ano de 2019, encontramos uma imagem que tem profunda semelhança com Martin Luther King.

Justiça/Direitos – 29%; Criança – 20%; Imagem Feminina – 16%; Sistema – 16%; Juventude – 12%. Já em relação aos títulos dos temas observamos a manutenção do padrão: Pátria – 36%; Direitos – 28%; Org. Popular – 20%; Vida – 12%.

Em 1999, o *Grito* “ultrapassou as fronteiras do Brasil” sendo realizado em vários países das Américas, surge então “el Grito Continental Por Trabajo, Justicia y Vida”. No catálogo disponibilizado no portal da Internet, observamos prevalecer a imagem feminina da trabalhadora rural e popular, por vezes deslizando entre as referências étnicas, com destaque para a imagem da mulher mestiça. Igualmente presente a imagem do pássaro branco, provavelmente uma pomba (Espírito Santo?). Ganha destaque a figura de Nossa Senhora, com muita semelhança com Nossa Senhora Aparecida – preta/negra, sob seu manto azul e dourado. Somando a imagem feminina, o pássaro, temos o ‘pueblo’, o povo reunido, assim como aparecem diversos traços alegóricos religiosos populares: festas, ritos e liturgias...

O fluxo dos cartazes e imagens de 1999 à 2005, seguem uma linha estética que lembra uma mistura entre Paul Gauguin no Taiti, o cubismo europeu, o muralismo latino americano, e o modernismo tropicalista; muito próximo da expressão pictórica de artistas nacionais como Di Cavalcanti e Cândido Portinari, no Brasil.

Esse trabalho voltado para a América Latina e que atinge mais expressão no 12 de outubro, - data na qual os hispano-americanos e latino-americanos em geral, celebram a descoberta da América por Cristóvão Colombo. Nesse dia, em vários países da região, comemora-se o Dia da Raça hispânica; dia da Hispanidade. Nessa data tem ocorrido diversas manifestações anticolonialistas com a presença de vários grupos contrários a esta celebração.<sup>19</sup>

Em nosso trabalho traçamos algumas linhas sobre esses embates e confrontos, verdadeiras batalhas de imagens, no contexto mais global e europeu. No caso mais específico de nossa pesquisa empírica, nossa investigação marca sua pertinência ao observamos os arquivos e documentos oficiais divulgados pelo *Grito dos/as Excluídos/as*. Após a apresentação do histórico do movimento, narrando ações desde 1995, encontramos nesses documentos disponibilizados pela Internet, em portais do movimento social e outras mídias, a indicação da seguinte “dica”:

---

<sup>19</sup> Na Argentina, por exemplo, um decreto assinado pela presidenta Cristina Fernández de Kirchner, em 2010, substitui essa denominação por *Dia da Diversidade Cultural Americana*. Em muitas cidades norte-americanas, incluindo Minneapolis e Seattle, o dia deixou de se chamar *Columbus Day* (Dia de Colombo) e virou *Dia dos Indígenas*.

Para a participação efetiva dos excluídos, as manifestações do Grito devem priorizar a simbologia, a criatividade e a mística. As imagens falam mais que textos e discursos. A linguagem simbólica deve ser priorizada a linguagem escrita e discursiva.<sup>20</sup>

Nossa pesquisa trilha as pistas que o próprio movimento social está seguindo ao almejar elaborar e produzir um imaginário para a “participação efetiva” da população na construção de uma nova sociedade, que, segundo seus membros, resultará de um Projeto Popular para o Brasil.<sup>21</sup> Como está enfatizado no documento em destaque, para realizar essa tarefa é preciso lembrar: “as imagens falam mais que textos e discursos”<sup>22</sup>.

Qual o resultado desse esforço? Como avaliar a produção do programa imaginário do movimento? Na aproximação das celebrações do Bicentenário da Independência, o *Grito dos/as Excluídos/as* está em condições de rivalizar com o programa oficial de comemoração histórica elaborado pelo Estado-nação; sob a coordenação do governo de plantão no Planalto?<sup>23</sup>

Nesse particular, devemos considerar o fato de que nas eleições de 2018 apenas o Partido dos Trabalhadores tenha incluído, no seu programa de governo, uma proposta de organização da comemoração do Bicentenário; na inscrição das plataformas políticas rivais para o segundo turno da eleição para presidente. No entanto, é sabido que desde 2010 o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva solicitou a Secretaria de Assuntos

---

<sup>20</sup> “DICA” presente nas últimas consultas aos arquivos e documentos na Internet; especialmente os portais: <http://cebsdobrasil.com.br/2018/04/29/grito-dos-excluidos-as-20181a/> Acesso: 27 Nov 2019 e <https://jornalggn.com.br/noticia/07-de-setembro-grito-dos-excluidos/> Acesso: 27 Nov 2019.

<sup>21</sup> “O Grito dos Excluídos tem como finalidade não apenas a crítica do modelo neoliberal, mas também a preocupação propositiva de buscar alternativas. Daí seu duplo caráter, de protesto e afirmação, de denúncia e anúncio. Em síntese, seu horizonte último é abrir canais para a construção do Brasil que queremos, e no contexto atual, dizer o que Não Vale e o que Vale para a construção e participação no destino da nação.” <http://cebsdobrasil.com.br/2018/04/29/grito-dos-excluidos-as-20181a/> Acesso: 27 Nov 2019.

<sup>22</sup> No texto de história do movimento do Grito dos/as Excluídos/as, que se encontra no Portal na Internet, adiciona-se entre as “sugestões de como organizar o Grito” o seguinte tópico: “Priorizar a linguagem simbólica, criativa e poética aos discursos”. <https://www.gritodosexcluidos.com/historia> Acesso: 3 Nov 2020.

<sup>23</sup> Nesse particular, devemos considerar o fato de que nas eleições de 2018 apenas o Partido dos Trabalhadores tenha incluído, no seu programa de governo, a organização da comemoração do bicentenário, no segundo turno da eleição para presidente. Entretanto, é sabido que desde 2010 o presidente Luiz Inácio Lula da Silva solicitou a Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), ligada ao Gabinete da Presidência da República, que na pessoa do embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, coordenou a elaboração do *Plano Brasil 2022*. Com a vitória do grupo de oposição, e de extrema direita, ao poder, as expectativas são nulas de que esse documento seja utilizado como referência. Os atuais governistas trabalham com o projeto *Brasil 200*.

Estratégicos (SAE), ligada ao Gabinete da Presidência da República, na pessoa do embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, a elaboração do *Plano Brasil 2022*. Com a vitória do grupo de oposição, de extrema direita, as expectativas de sua implantação são nulas. Os atuais governistas trabalham com o projeto *Brasil 200*, divulgado ainda de forma incipiente em algumas mídias.

De que modo o *Grito* fará frente ao programa de imagens promovido pelos grupos sociais favoráveis a manutenção do *status quo*? Quais os próximos atos que marcarão as batalhas de imagens na comemoração do Bicentenário? Como se configurará o desenrolar dessas batalhas semióticas, nos novos capítulos da longa guerra das imagens na América Latina?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as possibilidades de a representação acolher o sentido do destino das imagens (RANCIÈRE, 2017) em relação ao lema da nacionalidade na contemporaneidade, e indagando sobre a potência do irrepresentável e sua dialética, procuramos alinhar por fim as linhas de força dessa reflexão.

No momento de concluir esse ensaio, cabe acrescentar um alerta lançado pelo sociólogo brasileiro Laymert de Sousa Garcia: “(...) A esquerda brasileira nunca ter[ia] feito a crítica de fundo da mídia. E nem da tecnologia. A posição de esquerda de partidos, sindicatos etc. é de que os meios são neutros e tudo depende de quem se apropria dessa técnica e, portanto, quando chegar o momento de a esquerda estar no poder, se faz uma inversão de signos.”<sup>24</sup> Esse é um importante desafio, qual seja, operar uma análise que coloque em xeque o próprio veículo, o meio, a mídia, e suas formas e dispositivos de encenação e colonização dos imaginários. Tal perspectiva se associa àquela inicialmente apresentada com José de Souza Martins, quando provoca os

---

<sup>24</sup> Trecho completo da entrevista do sociólogo Laymert Garcia dos Santos: “(...) A esquerda brasileira nunca ter[ia] feito a crítica de fundo da mídia. E nem da tecnologia. A posição de esquerda de partidos, sindicatos etc. é de que os meios são neutros e tudo depende de quem se apropria dessa técnica e, portanto, quando chegar o momento de a esquerda estar no poder, se faz uma inversão de signos. Isso é o máximo que a esquerda pensou sobre essa questão, e há muitos anos venho pensando e batalhando por um outro entendimento, porque não é possível você considerar a tecnologia como algo meramente instrumental, quando ela modifica completamente todos os tipos de relação. A tecnologia, sobretudo depois da virada cibernética, mudou a vida, o trabalho e a linguagem. Ou seja, mudaram as relações. Nessas condições, se você não fizer uma crítica de fundo, vai acabar fazendo aquilo que critica em seu adversário, vai fazer isso achando que colocou um conteúdo de esquerda, mas as práticas serão as mesmas. Assim, vai ser tão manipulatório e antidemocrático quanto antes e, de certo modo, desconhecendo o próprio potencial que a tecnologia traz” (REVISTA FÓRUM, 2013).

cientistas sociais nos cuidados e no trato com a imagem, pois se “depende do reconhecimento da imagem fotográfica como documento do imaginário social, e não preponderantemente como documento da factualidade social” (2008, p. 174).

No caso empírico que estamos acompanhando mais recentemente relaciona-se a produção de imagem e representações do movimento do *Grito dos Excluídos* nos cartazes e faixas elaborados desde 1995. Percebemos a dificuldade do movimento de “representar” em imagens o legado de suas lutas. Sua produção imagética repetitiva e pouco elaborada parece indicar uma dificuldade de representar o “irrepresentável” de uma nova “nação” a ser imaginada para acolher os “excluídos”. Algo que nos parece remeter ao que Rancière designa como “falha na regulação estável entre o sensível e inteligível” (2017, p. 140).

Observamos nos exemplos citados que a eficácia mágica dessas imagens é concreta, reaparecendo nas ruas, e ressurgindo de modo significativo nas manifestações políticas dos últimos anos; imagens que se julgavam mortas e esquecidas<sup>25</sup>. No caso das manifestações mais recentes (Brasil/2015-6) foi consideravelmente inquietante vermos ressurgir imagens e *slogans* de mais de trinta anos atrás, colonizados há décadas e que testemunhamos produzir ainda efeitos de mobilização de massa; como por exemplo, nas variações do lexema: “ame-o, ou deixe-o”! Fica evidente a eficácia da propaganda do período da ditadura civil-militar, de um modo e alcance jamais esperado.

É necessário vasculharmos nossos arsenais teóricos para compreender como “memórias enxertadas” há décadas podem ser reencenadas num período que considerávamos ter operado rupturas profundas no imaginário social; como o processo de redemocratização e a consolidação da Constituição de 1988.

No âmbito dessas reflexões, consideramos que o conceito de “memórias enxertadas” se coaduna as reflexões da chamada “esquerda lacaniana” quando coloca em cena o “ato inaugural”, supondo um sujeito que o institui. Nesse ponto também nos aproximamos do debate sobre “a subjetivação política e suas vicissitudes”<sup>26</sup>, perspectiva

---

<sup>25</sup> Difícil deixar de reportar-se a Karl Marx, ‘O 18 Brumário de Louis Bonaparte’ (1869): “A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, para, com este disfarce de velhice vulnerável e esta linguagem emprestada, representar a nova cena da história universal” (MARX ENGELS, 1982, p. 417).

<sup>26</sup> A propósito, esse é o título de um dos capítulos do livro de Žižek **O sujeito espinhoso** (2011).

fecunda para o alargamento de nossa compreensão do funcionamento da estrutura das interpelações dos sujeitos políticos na atualidade. De acordo com essa vertente teórica, “o sujeito político não é algo predeterminado, em termos da classe social, lugar nas relações de produção, etc, mas sim um sujeito que emerge da própria singularidade do ato”<sup>27</sup> (LIFSCHITZ, 2019, p. 20).

Como aponta Lifschitz, no texto de Laclau, “é impossível determinar *a priori* quem serão os atores hegemônicos nessa luta” (LACLAU, 2013, p. 223). Isso explica então porque a “emergência do sujeito político” sempre surpreende, pois, essa subjetivação se articula sob diferentes coordenadas teórico-políticas. Ainda segundo Laclau, só é possível compreender essa articulação subjetiva considerando as operações de construção de hegemonia (LACLAU, 2013, p. 185). É aqui que nos parece adequado seguir as sugestões de Gruzinsky quando invoca *Blade Runner* e as memórias enxertadas nos ‘replicantes’. Como estamos numa nova fase de construção das subjetividades políticas na atualidade, os investimentos no teatro das memórias políticas podem explicar de que forma as emergências políticas, - tanto do lado das forças de manutenção do *status quo*, como do lado das resistências contra o *stablishment* -, promovam a reificação das estruturas de sentido dominantes, oficiais, autoritárias, ou as formas de resistência contestatórias e insurgentes. Entrementes, tanto num caso como no outro, sujeitos políticos antagônicos, representam articulações subjetivas nos polos em conflito.

Parece que a negligência das análises semiológicas e políticas das imagens e do imaginário social, em relação aos crimes cometidos no período nefasto do autoritarismo militarista, causaram impactos de efeito retardado no tecido social<sup>28</sup>. Além da ausência de análise sobre as novas tecnologias da imagem, que como vimos não é neutra, é preciso aprofundar e ajustar as contas com a violência e terror promovidos no período; da mesma forma que na operação de análise da eficácia dos veículos de propaganda e do próprio *meio* que emite as mensagens. Sobre este aspecto Laymert Garcia dos Santos destaca na entrevista *Demasiadamente Pós-Humano* ao periódico *Novos Estudos*: “Acho que precisamos, no Brasil, de um estudo aprofundado sobre a questão da

---

<sup>27</sup> Nesse ponto o autor se refere a alguns atos que considera inaugurais “– como as manifestações de 2013, as ocupações de escolas e o #elenão - na constituição de novos sujeitos políticos” (LIFSCHITZ, 2019c).

<sup>28</sup> Talvez, como enfoque mais específico pudéssemos nos referir a “memória visual”, como um dos enquadramentos sociopolíticos fundamentais do olhar.

tecnologia como fetiche, de como ela é apropriada como uso suntuário e ostentação” (2003, p. 163).

Destarte, com o fim desta reflexão ressaltamos a importância de avançarmos num estudo sobre as possibilidades de uma “política da visão”. Trabalho que deve ser feito para além das análises das fotografias e imagens “enxertadas”, avançando para todas as dimensões das violências e terrores submetidos aos governados. A gestão do teatro das memórias políticas e sociais, no sentido empregado por Henri-Pierre Jeudy (1990), necessita operar um tratamento terapêutico das heranças e tradições de insurgência.

Nessa direção, realizamos trabalho associado as investigações e análises de Gruzinsky, por exemplo, em relação a ficção de *Blade Runner*, ao evitar o destino de replicantes de programas inoculados para ações não-reflexivas, - tais como a que testemunhamos nos últimos anos nas ruas das grandes cidades brasileiras. Episódios que muitas vezes passaram por anedóticos, mas para os quais a sua compreensão plena necessita do exercício de análises semiológicas alargadas. Pois, como instigou Jean Baudrillard, com a sua teoria irônica:



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

Os clones já estão aí, os seres virtuais já estão aí, somos todos replicantes! No sentido que, como *Blade Runner*, já é quase impossível distinguir o comportamento propriamente humano de sua projeção na tela, de seu duplo em imagem e de suas próteses informáticas (2005, p. 156).

Talvez uma política da visão nos ofereça instrumentos para compreender as consequências do alerta da estandarização, ou modelização, do olhar em curso em nossa sociedade. Numa sociedade em que a mídia está nas mãos de oligarquias poderosas, comprova-se a necessidade da luta contra a manutenção do controle desse poder midiático das empresas emissoras e repetidoras. Todavia, não se pode esquecer, não basta trocar os signos e sinais das mensagens transmitidas, é preciso ir mais além na análise desse poder mágico e reticular:

Quando a modernidade chega ao fim, o homem parece estar perdendo a capacidade de perceber e imaginar, isto é, de produzir as imagens que conferem sentido à sua experiência, parece estar abdicando do exercício da potência da percepção, do “eu posso” do olhar (SANTOS, 2003, p. 180).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: Leach, Edmund et Alii. **Anthropos-Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda. 1985
- BAUDRILLARD, J. **Tela total**: mito-ironias do virtual e da imagem. Porto Alegre: Sulina. 2005.
- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix. 1978.
- CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 1990.
- CORRÊA, Alexandre Fernandes. A Imagem Barroca da Civilização Latinoamericana. In: V SOLAR - Congresso da Sociedade Latino-Americana de Estudos sobre América Latina e Caribe. São Paulo. Resumo das Comunicações. São Paulo: EDUSP. v. 1. p. 15-16. 1992.
- CORRÊA, Alexandre Fernandes. **Festim Barroco**: a festa dos prazeres. São Luís: EDUFMA. 2008
- CORRÊA, Alexandre Fernandes. Teatro das memórias: ensaios sobre ação cultural na atualidade. São Luís: EDUFMA. 2013.
- CORRÊA, Alexandre Fernandes. **Guerra das imagens e memórias enxertadas**: monumentos, museus e memórias históricas em conflito. 6ª Reunião Equatorial de Antropologia. MR 14 - Os usos de imagens e a produção de significados. Salvador. 2019
- CORRÊA, Alexandre Fernandes. **Batalha das imagens e memórias enxertadas**: gestão política e cultural dos monumentos, museus e memórias históricas. XI Seminário Internacional de Políticas Culturais. CCRB. Rio de Janeiro. 2020a.
- CORRÊA, Alexandre Fernandes. Batalha das imagens no bicentenário da independência. 32ª Reunião Brasileira de Antropologia. GT 15 - **Antropologia, Performances e Patrimônios**: saberes insubmissos. 2020b. [https://www.32rba.abant.org.br/simposio/view?ID\\_SIMPOSIO=57](https://www.32rba.abant.org.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=57)
- GEERTZ, Clifford. **Negara: o Estado-Teatro no Século XIX**. Rio de Janeiro:Bertrand. 1991.
- GRUZINSKY, Serge. **A guerra das imagens**: de Cristóbal Colón à “Blade Runner”(1492-2019). São Paulo: Companhia das Letras. 2006
- JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária,1990.
- LACLAU, Ernest. **A razão populista**. São Paulo: Editora Três Estrelas. 2013.
- LIFSCHITZ, Javier Alejandro. **Sobre as manifestações de junho e suas máscaras**. Revista Dilemas – Revista de estudos de conflito e controle social, UFRJ, v. 6, n. 4. 2013.
- LIFSCHITZ, Javier Alejandro. **Os agenciamentos da memória política na américa latina**. Revista Brasileira de Ciências Sociais - vol. 29 nº 85, p. 145-225. 2014.

LIFSCHITZ, Javier Alejandro. **Em torno da memória política**. Morpheus: Rio de Janeiro, v. 9, n. 15. p. 67-82. 2016.

LIFSCHITZ, Javier Alejandro. **Los espectros de las dictaduras militares en América Latina**. Estudos IberoAmericanos, v. 44, n. 2, p. 340-353, maio/ago. Porto Alegre. 2018a.

LIFSCHITZ, Javier Alejandro. **O avesso do golpe no Brasil: formas de resistência**. Revista Teoria e Debate, ed. 174, Sociedade. 2018b: <https://teoriaedebate.org.br/2018/07/11/o-avesso-dogolpe-no-brasil-formas-de-resistencia-e-sujeito-politico/>

LIFSCHITZ, Javier Alejandro. **Brasil, política e vertigem**. e-l@tina, Revista Eletronica de Estudos Latinoamericanos, v. 17, n. 68, Buenos Aires, jul/set. 2019a

LIFSCHITZ, Javier Alejandro. Atos inaugurais e política na América Latina atual. Psicanálise & Barroco em revista | Edição Especial: **Psicanálise e Política: versões e reversões do mundo e do imundo**. v.17, n. 02 | outubro. 2019b

LAVINAS, Laís Villela. **Um animal político na cultura brasileira: Aloísio Magalhães e o campo do patrimônio cultural no Brasil (anos 1966-1982)**. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2014.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto. 2008.

MARX ENGELS. **Obras escolhidas**. Tomo I. Lisboa: Edições “AVANTE!”. 1982.

NEXO. **Um antropólogo e um historiador respondem a 3 perguntas sobre a tinta jogada no Monumento às Bandeiras**. Estevão Bertoni, 07 Out 2016: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/10/07/Um-antrop%C3%B3logo-e-um-historiador-respondem-a-3-perguntas-sobre-a-tinta-jogada-no-Monumento-%C3%A0s-Bandeiras> Acesso: 3 Nov 2020.

PIAUI. Vultos das humanidades. **O antropólogo contra o estado: as ideias e as brigas de Eduardo Viveiros de Castro**. Rafael Cariello. Edição 88/Janeiro, 2014: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-antropologo-contra-o-estado/> Acesso: 3 Nov 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto. 2012.

REVISTA FÓRUM. Entrevista intitulada “É preciso entender as redes e as ruas”, publicada na Revista Fórum, Edição 127, 22 Out 2013: <http://www.revistaforum.com.br/2013/10/20/e-preciso-entender-as-redes-e-as-ruas/>

SANTOS, Laymert Garcia dos. **Polítizar as novas tecnologias**. São Paulo: Ed. 34. 2003

WALLERSTEIN, Immanuel. **O fim do mundo como o concebemos: ciência social para o século XXI**. Rio de Janeiro: Revan. 2002.

WOLF, Eric. **Antropologia e poder**. São Paulo: Unicamp. 2003.

**RECEBIDO EM: 30/09/2020**

**PARECER DADO EM: 30/10/2020**



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)